



Leituras do feminino nas culturas lusófonas, ibéricas e eslavas

Anamarija Marinovic¹

Resenha de:

CIESZYŃSKA, Beata; SILVA, Fabio Mario da (Organizadores). *Os Estudos de Género da Perspetiva Ibérica e Eslava*, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014. 476 pp. E-book, disponível em www.lusosofia.net.

Os trabalhos reunidos no presente volume focam a problemática do género enquadrada no contexto sociocultural ibérico e eslavo. De uma forma original, poética e não rigorosamente académica, o trabalho de Maria Teresa Horta, intitulado “A Voz As Vozes”, não apenas levanta uma bandeira contra as injustiças que as mulheres sofrem, mas dá a voz às mais diversas experiências femininas: a aceitação do corpo; a maternidade; a sexualidade e a sedução; os sussurros; as emoções reprimidas; o direito a tecer a escrita como Penélope; a cumplicidade feminina na escrita e na escuta; a recusa da clausura em casa com as tarefas domésticas; expectativa de um mundo mais igual e justo. Com este panorama diacrónico das mulheres excepcionais na literatura, introduz-se aos leitores a primeira parte do livro: “Mulheres na História e as Histórias das Mulheres”. A brilhante cientista polaca, vencedora de dois Prémios Nobel, Maria Sklodowska Curie abre essa secção – escrita por Anna Kalewska – sendo-nos apresentada não apenas como uma excelente física, química e investigadora, mas também como filha, mãe, esposa, avó, amante. A seguinte personagem célebre que faz a História das mulheres neste livro é Águeda de Sena, que aportou um grande valor ao bailado português, sendo a que “sempre quis fazer as coisas diferentes” (p. 60). Nas palavras de António Laginha, trata-se de uma “feminista e empenhada” e de um “espírito de combate.”. A figura de Maria Manuela Margarido, poetisa e intelectual são-tomense, que levantou a voz contra a escravatura e contra o célebre massacre de Batepá. As palavras de Carla Ferreira, qualificam a coletânea *Alto como o Silêncio*, como uma “lição cívica”, compreendendo o poder da palavra socialmente comprometida através da poesia, na luta por uma realidade política e social mais justa e menos desigual. Esta tendência de ver palavra como um instrumento de luta política continua no trabalho de Regina Marques, que nos apresenta

¹ Investigadora do CLEPUL, Univ. de Lisboa.

a personalidade de Maria Lamas, uma das autoras responsáveis por uma maior visibilidade feminina no espaço da escrita, entre décadas de 30 e 50 do século passado. Na mesma linha de pensamento, Ana Krajinović e Sara Lourenço comparam a situação da mulher nas sociedades portuguesa e croata, no tempo dos regimes autoritários de Salazar e de Tito. Observando primeiramente o género como categoria natural e cultural, as autoras passam a confrontar as realidades concretas na Croácia e em Portugal, enquadrando o papel social da mulher nas duas culturas, partindo dos mitos e estereótipos generalizados sobre a identidade feminina e os seus papéis sociais (na educação, no trabalho, na lei e na religião). A investigadora Suilei Monteiro Giavara, por seu turno, fala acerca da vida e obra da poetisa Judith Teixeira no âmbito da psicanálise da vertente freudiana; analisa a dor e o erotismo na poesia desta autora, as impulsões reprimidas, a essência do ser dividida entre os instintos do amor e da morte.

Sendo a mulher durante séculos objeto do pensamento de filósofos, teólogos, moralistas, poetas, escritores, juristas, e por isso não admira que o Padre António Vieira lhe tenha dedicado uma reflexão, que abre a segunda parte do livro, introduzindo os “autores masculinos lendo o feminino”. Da visão da mulher nos *Exempla* femininos vieirinos – testemunham-nos José Eduardo Franco e Isabel Morán Cabanas as personagens bíblicas, as santas e as mulheres virtuosas – deveriam servir como modelos a imitar para as mulheres comuns, sendo a conduta recomendada para a mulher na sua vida quotidiana era a de “uma autêntica penitente” (p.148). Já André Corrêa de Sá analisa a situação das mulheres no romance *A Ordem Natural das Coisas* de Lobo Antunes. Nas figuras de Julieta e Maria Antónia, trata-se de conhecimento e aceitação da identidade feminina através da autorreflexividade. Permanecendo no universo de Lobo Antunes, Evelyn Blaut Fernandes apresenta-nos a problemática do feminino no romance *Não é Meia-Noite Quem Quer*. No jogo luz-sombra, noite-dia, claro-escuro, escondem-se todos os mistérios do feminino, o revelado e o interdito, a fantasia e a realidade, a introspeção e o autoconhecimento, o profundo universo íntimo da mulher.

De uma forma bastante original, Anabela Rita apresenta-nos os “Jardins à beira-mar plantados” e a multiplicidade de olhares sobre o feminino em *A Menina do Mar* de Sophia (literatura, ficção, imaginação, o olhar da câmara, o eu poético e o biográfico). Continuando a jogar com os espelhos do masculino e do feminino, Barbara Juršič contrasta também a dualidade do estrangeiro e do nacional em Júlio Dinis e o autor esloveno Janko Kresnik. Nesta análise vemos a multiplicidade de identidades femininas que dependem de diversos factores, sendo o estrangeiro (inglês ou alemão) sobrevalorizado ou considerado superior. Já Rui Sousa parece ir mais longe nas suas

observações do feminino no Surrealismo e Abjeccionismo em Portugal. Neste aspeto, são relevantes o corpo feminino no jogo de amor e da sexualidade, como espaço de uma “transgressão libertadora” (p.228), revelação e revolução, inspiração e questionamento dos cânones estabelecidos e exigência de novos cânones. Nesta vertente de pensamento Telma Maciel interroga-se sobre a possibilidade de existência de um bairro de mulheres escritoras, parecido com que propõe Gonçalo M. Tavares no seu célebre romance *O Bairro*. Sendo ali representadas apenas três mulheres escritoras, Emily Dickinson, Jane Austen e Virginia Woolf., questiona-se o lugar da mulher na literatura.

Na terceira parte, “Género, corpo e artes”, Leda Marana Bim fala-nos do corpo e da sexualidade no romance *As Meninas* de Lygia Fagundes Telles, apresentando-nos o corpo feminino como um “lugar de disputa” (p.256) entre o direito de escolher uma opção sexual. Maria João Castro testemunha-nos sobre o discurso sobre o corpo feminino no regime do Estado Novo e da influência da tradição religiosa católica e a postura política oficial na visão do papel da mulher na sociedade. Nesta secção destaca-se o brilhante trabalho de Sandra Leandro que nos apresenta uma visão diacrónica dos estudos de género, através das artes visuais, desde o século XIX, até à contemporaneidade, quando apareceu a primeira pós-graduação na área na Universidade de Évora. Francisco Javier Juez Gálvez dá-nos um sumário panorâmico das traduções das autoras eslavas meridionais para a língua espanhola, enquanto Gabriel Borowski problematiza o género através da categoria do género neutro nas línguas eslavas e determinadas soluções na tradução para português. Por sua vez, Laryssa Shotopa apresenta-nos a avaliação qualificativa no russo e no português, concentrando-se nos diminutivos.

A experiência feminina na escrita ocupa um lugar significativo nesta coletânea de trabalhos. Desta feita Adriana Mello Guimarães debruça-se sobre a análise do trabalho literário de Andradina de Oliveira e Alice Moderno, aproximando Portugal e Brasil no sentido de olhares para as afinidades entre as duas culturas. A representação das mulheres na literatura de cordel brasileira é tema central do investigador Paulo Geovane e Silva, testemunhando o papel social feminino em duas realidades diferentes. Por último, vale mencionar a presença feminina no *Almanach Luso-Brasileiro* e *Almanach Luso-Africano*, onde os trabalhos de Vânia Chaves e Isabel Lousada, Glória de Brito, Maria Teresa de Sousa e Beatriz Weigert chamam a atenção para a produção feminina, temas, problemáticas, textos e autoras representadas nos dois almanaques e as especificidades das realidades socioculturais brasileira e africanas. Diversificada temática e estilisticamente, este compêndio interdisciplinar sobre os estudos de género, demonstrando a atualidade desta área, o seu desenvolvimento histórico e

condicionamento político, por vezes, apresentando um leque variado de mulheres excepcionais que ainda inspiram o pensamento académico e fomentam a discussão nos meios intelectuais.